

**DA LÍNGUA PORTUGUESA
VÊM-SE GALÁXIAS**

Título: Da Língua Portuguesa vêem-se galáxias. A velha questão da 'internacionalidade' da Língua Portuguesa (às vezes, questionada)

Autora: Annabela Rita

Colecção: Ensaio BREVE Lusofonias

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Edição: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, Março de 2020

ISBN – 978-989-9012-09-7

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto UIDB/00077/2020.

Annabela Rita

**DA LÍNGUA PORTUGUESA
VÊM-SE GALÁXIAS**

**A velha questão da
'internacionalidade' da Língua
Portuguesa (às vezes, questionada)**

Lisboa

2020

Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha língua vê-se o mar. Da minha língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi a da nossa inquietação.

*Vergílio Ferreira*¹

Porque o mar envolve os continentes e a língua portuguesa atravessa-os, debruçando-se sobre ele, ou brincando com as suas ondas, na rebentação... ou dentro delas, nas magnas ondas oceânicas que envolvem barcos e surfistas...

*... O mar enrola na areia
Ninguém sabe o que ele diz
Bate na areia e desmaia
Porque ...*²

... falando de amor, saudade... verbalizando desde realidades a utopias e os seus contrários...

Ocorrem-me os velhos mitos e lendas fundadores e estruturantes da cultura. Neles brilham “Arcas” e outros objectos de excepcional valor. Objectos cujo simples nome, quando usado, contamina de prestígio e sedução... Na ‘arca’ pessoal, p. ex., eis que encontramos uma curiosa reflexão de Thomas Cross que Fernando Pessoa destacou e que Teresa Rita Lopes reproduz e o Arquivo Pessoa também:

¹ <http://cvc.instituto-camoes.pt/oceanoculturas/22.html>.

² <https://www.vagalume.com.br/tunas/o-mar-enrola-na-areia.html>.

If the possession of a great literature were in itself sufficient to establish, not the mere survival, but the widespread survival of a language, ancient Greek would today be the second language of civilization. But even Latin, which was once this, has been able to continue being this. To have a hold on a quantitative future, a language must possess something more than a great literature: the possession of a great literature is an advantage more real than actual, it will save a language from death but will not promote it to life.

The primary condition for a large hold on a future is, in a language, its natural widespreadness, and this depends on the mere physical fact of the number of people who speak it naturally. The secondary condition is its ease in being learned; if Greek were easy to learn, we would all have Greek today as a second language. The tertiary condition is that the language be as pliant as possible, so that there be in it as full a capacity for expression of all moods as can be, and a consequent capacity to admit, by translation, the reflex of other languages and thus dispense, from the literary standpoint, with the learning of them.

Now, taking not only the present but immediate future, in so far as it may be considered as developing on the embryo conditions of our time, **there are only three languages with a popular future — English** (which has already a widespread hold), **Spanish and Portuguese**. They are the languages spoken in America, and in so far as Europe means European civilization, Europe is becoming more and more settled in the Western continent. Such languages as French, German and Italian are never anything but European: they have no imperial power. **So long as Europe was the world, they held their own, and even triumphed over the other three, for English was insular and Spanish and Portuguese right at the end.** But when the world became the earth, the scene shifted.

It is therefore among these three languages that the future of the future will lie. (*bolds* meus)³

E se, por um lado, comenta a língua “americana” e a dificuldade de tradução do calão, de breve vigência⁴, por outro, aponta “a arte, que se faz com a ideia, e portanto com a palavra”⁵. E confessa: “Prende-se a língua a todos os meus sentimentos”⁶... poderia continuar, com Pessoa e com tantos outros. Mas fico-me por estas evocações ao acaso.

Se, como afirma o seu Bernardo Soares, “Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver.”⁷... que *vida* e que *sobrevivência* para os falantes da língua portuguesa?

Estamos em tempo de avaliações académicas, mas, na verdade, elas realizam-se permanentemente, inclusive quando cada investigador ou professor pondera onde e em que língua escrever em função do público-alvo da sua reflexão, dos critérios das diferentes avaliações individuais e institucionais.

Sobre este assunto falei já a propósito das bibliometrias em texto anterior (“[Da excelência & do seu ‘padrão’. Segunda parte: Língua & Bibliometria](#)”, WSI, 27/3/2017⁸), e não regressarei a ele. Mas a sua importância é bem visível no quadro da avaliação dos centros de investigação no período de 2007-10:

Para a constituição dos indicadores bibliométricos foram considerados exclusivamente artigos e revisões pu-

³ *Pessoa Inédito*. Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993, p. 108.

⁴ *Ibidem*, p. 115.

⁵ <http://arquivopessoa.net/textos/1828>.

⁶ <http://arquivopessoa.net/textos/1973>.

⁷ *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Vol. II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática, 1982, p. 520. [<http://arquivopessoa.net/textos/1828>].

⁸ <https://wsimag.com/pt/economia-e-politica/24400-da-excelencia-e-do-seu-padrão>.

blicados entre 2007 e 2010 e incluídos em *Science Citation Index Expanded* (SCI-EXPANDED), *Social Sciences Citation Index* (SSCI), *Arts & Humanities Citation Index* (A&HCI).⁹

Os quadros daí resultantes são apresentados na página seguinte (“Instituições de I&D / Estudo bibliométrico / Resultados do Estudo”), com 3 itens: produção científica das unidades e dos laboratórios associados, apoiados em 2011 pelo programa de financiamento plurianual da FCT; posicionamento nacional; produção científica EU27¹⁰. Os relatórios *para* e *da* FCT são em inglês, depois de uma fase em que eram bilingues, após terem sido em português.

Não é só na investigação que a língua inglesa domina, até, a comunicação, mas também no ensino superior nacional avança a docência em língua inglesa, com estímulos diversos, visando alargar o seu espaço de influência. Basta navegar na net pelas páginas das universidades e dos programas académicos ou nas da FCT e dos seus relatórios de avaliação... em língua inglesa¹¹.

É neste enquadramento que se mantém a questão da língua usada: **português** ou...? A velha questão da “**internacionalização**”/ “**internacionalidade**” de uma língua que, desde o início da expansão transatlântica se foi semeando pelo mundo¹².

Passemos em revista alguns indicadores relativos à presença e importância da língua portuguesa no mundo:

⁹ <https://www.fct.pt/apoios/unidades/bibliometrico/indicadores.phtml>.pt.

¹⁰ <https://www.fct.pt/apoios/unidades/bibliometrico/estudo>.

¹¹ <https://www.fct.pt/apoios/unidades/avaliacoes/2017/resultados.phtml>.pt.

¹² Grayley, Mônica Valéria Villela da Costa. *A “internacionalização” do português e as novas relações de poder entre os países de língua portuguesa*. Lisboa, 2014. [<http://hdl.handle.net/10400.2/4772>]

1. tem mais de 261 milhões falantes em todos os continentes;
2. tem uma imensa diversidade constitutiva: assimilou elementos de línguas dos povos que passaram pela Península Ibérica (Iberos, Celtas, Lusitanos, Germânicos, Fenícios, Gregos, Cartagineses, Romanos, Arabo-berberes e Africanos), assim como de todas as línguas antigas (desde o sânscrito¹³) e com que foi convivendo;
3. é falada nos 5 continentes, nos países que constituem a comunidade dos países de língua portuguesa: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor e Guiné Equatorial. Mas, tão ou mais importante em termos de número de falantes: também vive numa imensa diáspora de impossível cartografia, pois todos os povos desses países são de intensíssima emigração. De acordo com o contador da Universidade do Porto, a Língua Portuguesa (LP) tem 3,7% da população mundial, 10,8 milhões de Kms² (e 7,25% da superfície do globo) e corresponde a 1 862 727 milhões de EUR só no que se refere aos países de LP oficial (4% da riqueza mundial)¹⁴;
4. em termos de *ranking* de línguas, podem-se-lhe reconhecer as seguintes posições:
 - 4.1. 1ª língua mais falada no hemisfério sul (populoso e de intensa diáspora);
 - 4.2. 3ª língua europeia mais falada no mundo¹⁵;

¹³ <http://www.ube.org.br/a-importancia-da-lingua-portuguesa-no-mundo/>.

¹⁴ <https://up.pt/portuguesuporto/o-portugues-no-mundo/>.

¹⁵ <https://observalinguaportuguesa.org/o-portugues-e-a-terceira-lingua-europeia-mais-falada-no-mundo/>.

- 4.3. 3^a língua mais usada na internet¹⁶;
- 4.4. 3^a mais falada do hemisfério ocidental¹⁷;
- 4.5. 4^a língua mais falada no mundo¹⁸;
- 4.6. 2^a língua europeia que gerou mais crioulos: pelo menos, 15 crioulos usados pela emigração em todo o mundo (menos 2 do que o inglês)¹⁹;
- 4.7. 3^a na evolução já registada do número de falantes depois do espanhol e do inglês;
- 4.8. 1^a em expansão, de acordo com as previsões demográficas dos diversos continentes²⁰;
5. faz parte do mundo político e económico atual, sendo língua oficial da União Europeia, da União Africana, das organizações Ibero-Americanas, das agências e organismos das Nações Unidas (num total de 32 organizações internacionais das 90 mais destacadas), tendo 16 deles *sites* com português e 25 com publicações em português²¹;
6. na web, sendo a 3^a língua²², o falante de português tem uma interação notável: acede a 4% dos conteúdos da Internet escritos em Português e compreende 8% dos

¹⁶ <https://up.pt/portuguesuporto/o-portugues-no-mundo/>.

¹⁷ <https://observalinguaportuguesa.org/graficos-o-estatuto-da-lp-no-mundo/>.

¹⁸ <https://up.pt/portuguesuporto/>.

¹⁹ https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=15_zMi9c2YHJVhF2TiF7KLfvvaiY&ll=-3.81666561775622e-14%2C88.76953025&z=1.

²⁰ <https://observalinguaportuguesa.org/havera-mais-falantes-de-portugues-em-africa-do-que-na-america-do-sul/>.

²¹ <https://observalinguaportuguesa.org/a-lingua-portuguesa-nas-organizacaoes-internacionais-2/>.

²² Cf.: <https://up.pt/portuguesuporto/o-portugues-no-mundo/>. Mais antigas, as estatísticas comparativas: <https://www.internetworldstats.com/stats20.htm>.

conteúdos da Internet escritos em Espanhol, capacidade que aumenta exponencialmente quando compreende o inglês (accede a 31% dos conteúdos da Internet) e espanhol, francês e inglês (accede a 42% dos conteúdos da Internet)²³;

Portuguese Speaking Internet Users Statistics
Internet User Statistics and Population Stats for the countries and regions with Portuguese Speaking Internet Users

PORTUGUESE SPEAKING INTERNET USERS AND POPULATION STATISTICS - 2018						
REGION	Population (2018 Est.)	World % Pop.	Internet Users 31-Dec-2017	Penetration (% Population)	Speakers % Internet	Facebook 31-Dec-2017
Portuguese Speakers	286,455,543	3.8 %	169,167,589	59.1 %	4.1 %	151,192,000
Other Languages	7,348,302,885	96.2 %	3,987,774,551	54.3 %	95.9 %	1,967,868,152
WORLD TOTAL	7,634,758,428	100.0 %	4,156,932,140	54.4 %	100.0 %	2,119,060,152

A LP na internet em 2017²⁴

Top Ten Languages Used in the Web - April 30, 2019 (Number of Internet Users by Language)					
	World Population for this Language (2019 Estimate)	Internet Users by language	Internet Penetration (% Population)	Internet Users Growth (2000 - 2019)	Internet Users % of World (Participation)
English	1,485,300,217	1,105,919,154	74.5 %	685.7 %	25.2 %
Chinese	1,457,821,239	863,230,794	59.2 %	2,572.3 %	19.3 %
Spanish	520,777,464	344,448,932	66.1 %	1,425.8 %	7.9 %
Arabic	444,016,517	226,595,470	51.0 %	8,917.3 %	5.2 %
Portuguese	289,923,583	171,583,004	59.2 %	2,164.8 %	3.9 %
Indonesian / Malaysian	302,430,273	169,685,798	56.1 %	2,861.4 %	3.9 %
French	422,308,112	144,695,288	34.3 %	1,106.0 %	3.3 %
Japanese	126,854,745	118,626,672	93.5 %	152.0 %	2.7 %
Russian	143,895,551	109,552,842	76.1 %	3,434.0 %	2.5 %
German	97,025,201	92,304,792	95.1 %	235.4 %	2.1 %
TOP 10 LANGUAGES	5,193,327,701	3,346,642,747	64.4 %	1,123.0 %	76.3 %
Rest of the Languages	2,522,895,508	1,039,842,794	41.2 %	1,090.4 %	23.7 %
WORLD TOTAL	7,716,223,209	4,386,485,541	56.8 %	1,115.1 %	100.0 %

10 línguas mais usadas na net²⁵

²³ <https://observalinguaportuguesa.org/acesso-a-sitios-web/>.

²⁴ <https://www.internetworldstats.com/stats20.htm>.

²⁵ <https://www.internetworldstats.com/stats7.htm>.

7. o designado “Portunhol”²⁶ regista: imensa interactividade, multimodo património classificado pela UNESCO em países da CPLP e do mundo ibero-americano em geral, incontáveis empréstimos lexicais do Português a Línguas africanas e asiáticas e numerosas comunidades de emigrantes falantes do português estendem a influência da língua portuguesa²⁷. E o “Spanglish”²⁸ ainda estende a sua territorialidade de compreensão;
8. os relatórios sobre a emigração portuguesa, registam uma diáspora intensa na Europa e para fora dela²⁹ com tudo o que ela implica;
9. o projeto pedagógico bilingue Escolas Bilingues da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) vai promover a integração curricular do português em regiões de fronteira entre Espanha e Portugal, assim como entre Brasil e os países vizinhos de língua espanhola, nomeadamente Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia e Peru³⁰;
10. em termos de *soft power* (Joseph S. Nye) [<https://softpower30.com/>], a situação do português acompanha a da

²⁶ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portunhol>; <http://ipol.org.br/o-portunhol-segundo-o-atlas-da-lingua-espanhola-no-mundo/>; http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg20_artigo_6.pdf; <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/3991/MOTA%20SARA%20DOS%20SANTO%20S.pdf?sequence=1&isAllowed=y>; http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270584/1/Reis_ClaudiaFreitas_M.pdf.

²⁷ <https://observalinguaportuguesa.org/a-lingua-portuguesa-em-dialogo/>.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Cf., p. ex., Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo, Inês Vidiagal e Carlota Moura Veiga (2017), *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2017*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra, CIES-IUL, ISCTE-IUL. DOI: [10.15847/CIESOEMRE042017](https://doi.org/10.15847/CIESOEMRE042017).

³⁰ <https://observalinguaportuguesa.org/estados-ibero-americanos-desenvolve-projeto-bilingue-em-regioes-fronteiricas/>.

União Europeia que o integra³¹, mas pode ser entrevista em função da combinação de 3 países e  2 línguas que, habitualmente, se conjugam na competência (português e espanhol)³²: em 2018, Portugal era o 22º dos 30 países mais influentes, Espanha o 14º e o Brasil o 29º; na cultura, Espanha era o 5º, Brasil o 15º e Portugal o 25º; no empenhamento, Espanha era o 7º, Brasil era o 19º, Portugal o 23º. O próprio Joseph Nye, incentivou Portugal a usar o “soft power da sua língua e da cultura” e assinalou a necessidade de se pensar o poder com, mais do que o poder sobre³³;

11. De acordo com o estudo *Potencial económico da língua Portuguesa*, o valor económico da língua Portuguesa é de aproximadamente 17% do PIB, mais elevado que o valor apurado em Espanha³⁴, é a 4ª das 12 línguas super-centrais³⁵ e tem um “efeito gravitacional” imenso³⁶.

³¹ <https://caporcoisas.blogs.sapo.pt/o-soft-power-sagrado-da-europa-69128>.

³² Os politólogos consideram 2 modos de influenciar no mundo: o *hard power* (poder económico e bélico) e o *soft power* (poder da influência sutil, do convencimento, do *way of life*, do imaginário). Segundo a revista *Foreign policy*, “Soft Power Is Cultural Power. [...] Power is the ability to alter the behavior of others to get what you want. There are basically three ways to do that: coercion (sticks), payments (carrots), and attraction (soft power)” (*Foreign policy*, 2006).

³³ O poder e as relações internacionais: entrevista com Joseph Nye, *Relações Internacionais* [online]. 2011, n. 31, pp. 181-190. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000300015. Cf., também: Fernando Miguel Videira Gomes da Palma, *O Quinto Elemento da Política Externa Portuguesa e o Conceito de Soft Power* (tese de mestrado). Lisboa: FCSH-UNL, 2013.

³⁴ <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/lingua-1/1228-1228/file.html>.

³⁵ Distinguem-se as seguintes categorias: língua hiper-central (inglês), super-central (12, das quais, o português é a 4ª, central (200) e outras (c. 4500).

³⁶ https://www.uc.pt/en/china/agents/economic_potential_portuguese.p

Em Março de 2018, Eduardo Leite afirmou n' *O Jornal Económico*:

No conjunto da CPLP, o mercado representa cerca de 3,7% da população mundial e detém, aproximadamente, 4% da riqueza global dispersa pelos cinco continentes, o que só encontra paralelo na língua inglesa.

Acresce que, no quadro da globalização económica, a língua portuguesa contribui decisivamente para a diminuição da distância psíquica, revelando-se fundamental ao sucesso das estratégias de internacionalização das empresas portuguesas, como preconizam os modelos da escola Uppsala.

É neste contexto que a língua portuguesa se vem afirmando como língua veicular de negócios, ventilando-se também a sua afirmação como língua franca. Porém, não obstante o nosso pioneirismo na globalização, a influência da nossa língua no mundo manteve-se durante muito tempo aquém de outros idiomas europeus, como por exemplo o inglês, o espanhol, o francês, o alemão ou o russo.³⁷

Acresce que, de acordo com o Museu da Língua Portuguesa e com o Observatório da Língua Portuguesa:

A presença do português representa 4% da riqueza do globo, ocupando 10,8 milhões de km² em 7,25% da superfície da terra. O português é uma língua materna nos cinco continentes, fato igualado somente pelo inglês.³⁸

Na página “Portal do Português na UP” (Universidade do Porto), com contadores dinâmicos³⁹, a sua presença surge di-

df.

³⁷ <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/o-poder-economico-da-lingua-portuguesa-276924>.

³⁸ <http://museudalinguaportuguesa.org.br/o-ensino-de-portugues-es-trangeiros-o-poder-economico-da-nossa-lingua/>.

³⁹ <https://up.pt/portuguesuporto/o-portugues-no-mundo/>.

versamente quantificada, demonstrando a sua presença influente.

Tenha-se em conta, também, o lugar geoestratégico de Portugal no quadro das comunicações: observe-se a rede de cabos submarinos das comunicações (apenas 1% é via satélite), predominantemente no Atlântico, por onde a expansão marítima europeia se deu e epicentro das batalhas navais em belicismo mundial e constataremos que esse lugar nos é favorável...

Em suma, numa língua de diáspora feita, em diáspora viva e convivente com as mais díspares e incontáveis homólogas (com quantas línguas, crioulos e pidgins convive a portuguesa? Em quantas literaturas se perfila e em quantas ecoa?), miscigenada com elas... as suas **internacionalização** e **internacionalidade** são eminentemente **globais**, sem fronteiras, nem sequer as suas oficiais.

Creio que não restarão dúvidas (se é que as houve!) sobre a dimensão ‘internacional’ da língua portuguesa e sobre a sua influência mundial. E torna-se claro que tais comentários relevam de algum desconhecimento, *de facto*, quer do conceito de **internacionalidade**, quer da **realidade** das línguas...

Apesar disso...

Moisés Lemos Martins afirma o lugar estratégico da Língua Portuguesa como língua de ciência. na sua introdução à obra *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono* (2019)⁴⁰, mas assinala um panorama geral que tenho referido em diversas ocasiões:

⁴⁰ Moisés Lemos Martins; Macedo, I. (Eds.) (2019). *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono*. Famalicão: Húmus/CECS, 221 pp. ISBN: 9789897554278. [Link: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/259/showToc]. Cf. Moisés Lemos Martins, “Da semi-periferia da língua portuguesa à comunicação da ciência em português. Nota introdutória”, pp. 9-16.

Do ponto de vista linguístico, quatro países – EUA, Reino Unido, Holanda e Alemanha – produzem dois terços das revistas de CS (Unesco, 2010, pp. 143-144).

É, deste modo, essencial reconhecer a desigualdade linguística sistemática na publicação académica em CS. Por desigualdade linguística, Albarillo (2014) entende um padrão consistente ao longo do tempo, de inclusão de revistas em inglês em plataformas de pesquisa em CS, como a Scopus e a JSTOR. Essa desigualdade linguística é subtil e complexa. A título de exemplo, a análise dos dados Scopus e JSTOR (1992-2012), realizada pelo autor, revela um aparente viés para o Inglês, com artigos em língua não inglesa que representam menos de 25% do conteúdo das bases de dados.⁴¹

É neste quadro que o mesmo estudioso, fundador do Museu Virtual da Lusofonia, observa a situação da Língua Portuguesa como *língua de ciência* e, denunciando o seu apagamento formal ou dissimulado⁴² pelos dirigentes institucionais em benefício da publicação e, até, da docência em inglês, reclama a atenção das instituições competentes para o desafio que deverão enfrentar:

Em Portugal, particularmente no que se refere às Ciências da Comunicação, o Português é a língua de ciência, comum a todas as revistas (Martins, no prelo). E esta política de língua é compreensível, não apenas como uma estratégia para uma mais alargada difusão da produção nacional, mas também como um modo de ultrapassar as tradicionais dificuldades de uma limitada circulação internacional dos artigos.

A opção pela língua portuguesa não deixa, todavia, de constituir uma manifestação de fraqueza destas revistas, sendo evidente a sua vulnerabilidade, perante a for-

⁴¹ *Ibidem*, p. 11.

⁴² Só para dar um exemplo, basta lembrar os relatórios para a FCT: inicialmente, em português; depois, em português e noutra língua à escolha (francês ou inglês); por fim, obrigatória e exclusivamente em inglês.

ça expressiva de outras línguas, sobretudo da inglesa. O combate pelo fortalecimento da língua portuguesa constitui, assim, um desafio para os investigadores das CSH [Ciências Sociais e Humanas] do espaço lusófono, os quais têm vindo a trabalhar no sentido da afirmação da sua diferença plural e do reconhecimento da diversidade dos povos e culturas que o constituem (Martins, 2016).

Ao longo das últimas décadas, as comunidades científicas da CSH criaram associações nacionais e lusófonas para promover a língua portuguesa como língua de conhecimento, contribuindo para a internacionalização dos seus investigadores (Martins, 2018). No entanto, embora o Português seja falado por mais de 250 milhões de pessoas – constituindo a quinta língua mais falada no mundo – os investigadores de CSH desconhecem, muitas vezes, a investigação que os seus pares linguísticos realizam (Serra, 2016).⁴³

E conclui, afirmando com outros, que se impõe “criar instrumentos bibliométricos alternativos, tendo por base as línguas portuguesa e espanhola” e “fortalecer e criar novas redes científicas no contexto ibero-americano e lusófono”, forma de combate e de definição de um território de afinidades linguístico-culturais em relação a “uma língua que, sendo apenas de alguns, é imposta a todos os restantes: o Inglês”⁴⁴.

A conferência “Ibero-América: uma comunidade, duas línguas pluricêntricas” (21-22/11/2019, Lisboa, F. C. Gulbenkian), iniciativa da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), invocava 800 milhões de falantes das 2 línguas ibéricas. A Ibero-América surge encarada como a maior região linguística do mundo (com mais de 650 milhões de pessoas falantes de Espanhol ou de Português e um Programa Ibero-americano de Difusão

⁴³ *Ibidem*, pp. 11-12.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 13.

da Língua Portuguesa (PIDLP) da OEI)⁴⁵.

Dos estudos realizados no ISCTE (*Potencial Económico da Língua Portuguesa*, 2012; *O Português como Língua num Mundo Global*, 2016), destaca-se, mais recentemente, o *Novo Atlas da Língua Portuguesa* (2016), onde se afirma o aumento exponencial previsível dos falantes de português a partir dos indicadores demográficos⁴⁶. Segundo o secretário de Estado das Comunidades José Luís Carneiro, são c. 500 milhões de falantes de língua portuguesa, em todo o mundo, sendo de assinalar o crescimento exponencial do ensino da língua promovido por outros países (ex.: em 2016, eram 3 as universidades da China a ensinarem português; em 2029, são mais de 40)⁴⁷.

Bastaria, aliás, olhar para o facto de a docência em língua inglesa ser, em algumas universidades, factor de valorização da classificação na avaliação do desempenho.

E, no quadro da academia, convirá não esquecer o que acontece com o lugar da publicação, assunto que já abordei noutra lugar⁴⁸, mas a cuja evolução na academia nacional convirá atentar, pois as listagens de editoras indexadas relevam de critérios muito menos transparentes do que as das

⁴⁵ <https://www.oei.es/pt/programa-ibero-americano-lingua-portuguesa/programa>. Cf, também: Oliveira, Gilvan Müller de. (2013). Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 52(2), 409-433. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132013000200010>

⁴⁶ <https://www.publico.pt/2016/11/15/culturaipsilon/noticia/em-2100-a-maioria-dos-falantes-de-portugues-sera-africana-1751162>. Cf infográfico: <https://pt.quora.com/%C3%89-verdade-que-o-Portugu%C3%AAs-chegar%C3%A1-a-um-n%C3%BAmero-de-430-milh%C3%B5es-de-falantes-no-futuro>

⁴⁷ <https://www.plataformamedia.com/pt-pt/cultura/ate-final-do-seculo-havera-500-milhoes-de-falantes-de-portugues-no-mundo-11162524.html>

⁴⁸ <https://wsimag.com/pt/economia-e-politica/24400-da-excelencia-e-do-seu-padrao>.

revistas, internacionais. . .

E basta ver o que se passa nos Centros de Investigação que trabalham as Literaturas e as Culturas em Língua Portuguesa:

1. desde 2002, apenas 2 júris de avaliação dos Estudos Literários tiveram alguns (raros) membros que compreendiam a língua portuguesa;
2. quase todos eles manifestam nos seus pareceres um duplo preconceito científico: o de que no estudo das Literaturas de língua portuguesa não há internacionalização; e de que todos os estudos assim apresentados relevam de uma perspectiva pós-colonial onde subsiste o velho imperialismo. . . isto foi denunciado no *Livro negro da avaliação científica em Portugal, 2014-15*⁴⁹;

Na última avaliação, um desses júris chegou ao cúmulo de considerar isso “patologia”, reclamando a adopção do inglês nas publicações, a “eliminação” de editoras nacionais e a preferência por autores de língua inglesa em detrimento dos portugueses, parecer corajosamente denunciado por João de Almeida Santos numa já célebre “Carta aberta ao primeiro-ministro, António Costa, sobre o relatório de quatro investigadores estrangeiros que determinou a classificação do centro de investigação que dirijo” em artigo do *Público* intitulado “Fazer ciência em português nada vale?”⁵⁰. E ainda afirma esse

⁴⁹ Cf. <http://lnavaliacao.com/pdf/Livro-negro-aval-v24ags2015.pdf>. Destaque para o documento “1.12 Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (11 de Julho de 2014) ‘Carta da Direcção e Coordenadores do CLEPUL ao Presidente da FCT’, De Reum Natura, 2014” [<http://dererummundi.blogspot.pt/2014/07/centro-de-literaturas-e-culturas-da.html>], pp. 19-22.

⁵⁰ “(. . .) The journal currently published by CIPES, seems to suffer from the same pathologies as all other journals hosted by other R&D Units around the country: it attracts mainly authors from Portugal, often related to the University and generally seems to promote an esoteric, inward-

júri que o uso da língua oficial do país e a publicação de autores nacionais “generally seems to promote an esoteric, inward-looking research ethos”⁵¹. Absolutamente delirante do ponto de vista da objectividade, isenção, consciência profissional e ética científica, mas também do bom-senso que a todos deve assistir!...

Este júri foi pago pela FCT para *avaliar trabalho científico* que não percebe exclusivamente *por ignorância da língua oficial* e de trabalho no país e na academia. Este júri ‘diagnostica’ ‘patologia’ ao trabalho científico que assume não compreender e de que, por isso, nem chega a tomar conhecimento, limitando-se a ‘impressões’ englobadas sob o signo genérico de “generally seems”. É irresistível a evocação de alguns discursos nazis a propósito de arte nos anos 30 e 40 e que, no Brasil, já justificou a demissão de um Ministro (por “coincidência retórica”⁵² de Goebbels reproduzido no livro *Goebbels: a Biography*, de Peter Longerich), pois, segundo o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, essa semelhança é motivo de prisão na Alemanha⁵³:

looking research ethos. (...) (§8). E, ainda: ‘Either /.../ the elimination of in-house publications. It might be a good idea to make this an English-only journal.’ (n. 5, §14)” <https://www.publico.pt/2020/01/13/ciencia/opiniao/ciencia-portugues-nada-vale-1899937>.

⁵¹ <https://www.fct.pt/apoios/unidades/avaliacoes/2017/docs/LawandPolitical.pdf>

⁵² <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51149261>.

⁵³ Cf. BBC: “Fazer referência “aberta ao nazismo ou a políticos como Goebbels” é “impensável politicamente, mesmo para políticos da extrema direita (na Alemanha)”, na opinião do historiador alemão André Postert, em entrevista por email à BBC News Brasil.” [<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51152542>].

“A fala do secretário de Cultura, Roberto Alvim, inspirada em discurso do nazista Joseph Goebbels configura apologia ao nazismo, segundo o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Felipe Santa Cruz.

“Na Alemanha ele estaria preso. Lá o Código Penal proíbe esse tipo de

“O primeiro objetivo da nossa nova criação de arte alemã[...] certamente foi alcançado. /.../ [A]qui também começou a purificação na esfera da pintura e escultura /.../. Todo o embuste de uma tendência de arte decadente ou patológica foi varrido. Um nível decente foi alcançado. E isso significa muito.”⁵⁴

Este júri contradiz frontalmente o 1º Ministro da nação que o contrata e lhe paga e que, em 25.11.2019, na SIC, a propósito da decisão da UNESCO sobre a língua portuguesa, afirmou ser sinal do *“Reconhecimento desta dimensão global de uma língua (...) que tem que ter cada vez maior presença quer no domínio cultural, quer no domínio científico.”*⁵⁵. Este brilhante parecer está online ainda⁵⁶. Esse júri foi formado por 4 jurados que se pronunciaram e que integram o júri de 10 ‘especialistas’, todos solidariamente responsáveis pela

referência”, disse Santa Cruz à BBC News Brasil.

Para o presidente da OAB, “todos os limites foram ultrapassados ao claramente se idealizar uma política cultura nazista”. [<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51149263>].

⁵⁴ Citação completa de Max Domarus [*Hitler: Reden und Proklamationen 1932-1945. Kommentiert von einem Zeitzeugen*. Wiesbaden, 1973, page 1218, ISBN 3-927068-00-4]: “... das erste Ziel unseres neuen deutschen Kunstschaffens [...] ohne Zweifel schon heute erreicht [sei]. So wie von dieser Stadt München die baukünstlerische Gesundung ihren Ausgang nahm, hat hier auch vor drei Jahren die Reinigung eingesetzt auf dem vielleicht noch mehr verwüsteten Gebiet der Plastik und der Malerei. Der ganze Schwindelbetrieb einer dekadenten oder krankhaften, verlogenen Modekunst ist hinweggefegt. Ein anständiges allgemeines Niveau wurde erreicht. Und dieses ist sehr viel. Denn aus ihm erst können sich die wahrhaft schöpferischen Genies erheben.” (07/14/1939) [https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_na_Alemanha_Nazista#cite_note-37].

⁵⁵ <https://www.publico.pt/2020/01/13/ciencia/opiniao/ciencia-portuguesa-nada-vale-1899937>.

⁵⁶ Cf. <https://www.fct.pt/apoios/unidades/avaliacoes/2017/docs/LawandPolitical.pdf>, pp. 30-32.

avaliação também (Evaluation Panel: SOCIAL SCIENCES – Law and Political Science Panel Members), a saber: Morten Broberg (Chair) (University of Copenhagen, Denmark), Dimitry Kochenov (University of Groningen, Faculty of Law, The Netherlands), Elias Dinas (European University Institute, Department of Political and Social Sciences, Italy), Katerina Yiannibas (University of Deusto, Spain), Marina Aksenova (IE University, IE Law School, Spain), Mette Eilstrup-Sangiovanni (University of Cambridge, Department of Politics and International Studies (POLIS), United Kingdom), Moira Faul (University of Geneva, GSEM, Geneva PPP Research Center, Switzerland), Olaf Corry (University of Copenhagen, Department of Political Science, Denmark), Paul James Cardwell (University of Strathclyde, United Kingdom) e René Smits (University of Amsterdam, The Netherlands)⁵⁷. Estes ‘especialistas’ de 6 países (Dinamarca, Espanha, Holanda, Itália, Reino Unido, Suíça) aceitaram ser contratados para a avaliação científica em Portugal do que, tanto quanto parece, consideram, *por ignorância da língua oficial portuguesa*, trabalho ‘esotérico’, ‘patológico’ e ‘autocentrado’. E avaliaram 23 Unidades de I&D da academia portuguesa com especialistas, muitos deles internacionalmente reconhecidos;

3. a FCT manteve total surdez à sistemática reclamação de júris adequados à matéria em análise (e que a compreenda e consiga ler!) e não correspondeu a pedidos de reavaliação em que esse argumento está à cabeça. De acordo com alguns, a “avaliação das unidades de investigação é parte de uma operação de desmantelamento do sistema científico português”⁵⁸;

⁵⁷ Cf. <https://www.fct.pt/apoios/unidades/avaliacoes/2017/docs/LawandPolitical.pdf>.

⁵⁸ <https://www.publico.pt/opiniao/noticia/da-vergonha-da-falta-dela>

4. face a essa surdez da FCT, para ultrapassar a situação, chegámos ao absurdo de alguns Directores de centros de investigação *desejarem*, agora, nas Comissões de Acompanhamento dos seus centros apenas grandes personalidades científicas internacionais, absolutamente respeitáveis e respeitadas, mas que, simplesmente, não compreendem a língua portuguesa de trabalho e do *corpus* trabalhado, e são incapazes de ler o trabalho desenvolvido pelo centro, apenas podendo ajuizar dos relatórios de actividades e da estrutura do centro... desde que sejam enunciados em inglês. Claro que esse desiderato se modaliza no diálogo com outros responsáveis das unidades que dirigem. Mas isto configura uma desesperada tentativa de reprodução, no interior do centro, daquilo que o mesmo centro tem invocado como 1º argumento de contestação às avaliações desde 2002. Eis a estratégia ‘corrida’ ao ‘refrescamento’ de algumas dessas Comissões para potenciação da bandeira da ‘internacionalização’;
5. acresce que, além disso, alguns desses Directores aspiram, ainda, a recorrer a essas Comissões de Acompanhamento para lhes pedir parecer decisivo sobre a autorização ou não de publicação de obras que os investigadores (esses, sim, especialistas das matérias) e coordenados por outros especialistas dessas matérias, queiram enviar para editoras, sendo certo que estas, além dos seus próprios Conselhos, têm também algumas Comissões Científicas de Coleções a que as obras se candidatam. Só nesse processo de triagem, moroso e multifaseado, impossibilita-se qualquer edição nos prazos desejáveis/impostos pelos cronogramas das licenças sabbáticas... Isto tem, logicamente, 2 consequências: 1) a

drástica redução da liberdade e do estímulo de investigação pelo facto de lhe bloquear os *outputs* para mais alargado debate na comunidade científica (os doutorados e suas equipas que não se submetam a essa ‘avaliação’ são impedidos, por isso, de publicar); 2) o prejuízo dos *curricula* dos investigadores (forçados a uma publicação mais morosa e, p. vezes, impedidos mesmo de a fazer);

6. no processo de reorientação dos centros de investigação após a última avaliação, há algumas Direcções que, cumulativamente, entendem bloquear a edição em papel a favor da edição em *ebook*. A FCT analisou esta via (a de acesso aberto e de indexação nacional de editoras) e as suas consequências, e alertou: “Fica em causa não só a sustentabilidade do sistema de publicação como a liberdade académica”⁵⁹.

Jürgen Habermas, neste capítulo, assinala 2 problemas: 1) a da assimetria e erosão pela *net* dessa publicação e do seu autor que não são ponderados, mas tendencialmente consumidos, visitados⁶⁰; 2) “o fato de que se trata da primeira revolução da media na história da humani-

⁵⁹ Inês Lopes da Fonseca. *Acesso Aberto. Modelos, Políticas e Custos de Acesso*, Lisboa, FCT, 2017, p. 30 <https://www.fct.pt/acessoaberto/docs/modelosacessoaberto.pdf>.

⁶⁰ “Para a figura do intelectual, tal como a conhecemos no paradigma francês, de Zola até Sartre e Bourdieu, foi determinante uma esfera pública cujas frágeis estruturas estão experimentando agora um processo acelerado de deterioração. A pergunta nostálgica de por que já não há mais intelectuais está mal formulada. Eles não podem existir se já não há mais leitores aos quais continuar alcançando com seus argumentos.” Jürgen Habermas: “Não pode haver intelectuais se não há leitores” (entrevista a El País semanal, 25/4/2018): https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html?fbclid=IwAR0bhg_VSvKfrm5VAXZwblr3-iP-k222hGeI935xyatIFhh74linNvHrBu0.

dade que serve antes de tudo a fins económicos, e não culturais”⁶¹.

7. por fim, o próprio Camões, I.P., parece ter ‘varrido’ do seu site a palavra “Lusofonia” (13 ocorrências)⁶² e o adjectivo dela derivado (15 ocorrências)⁶³.

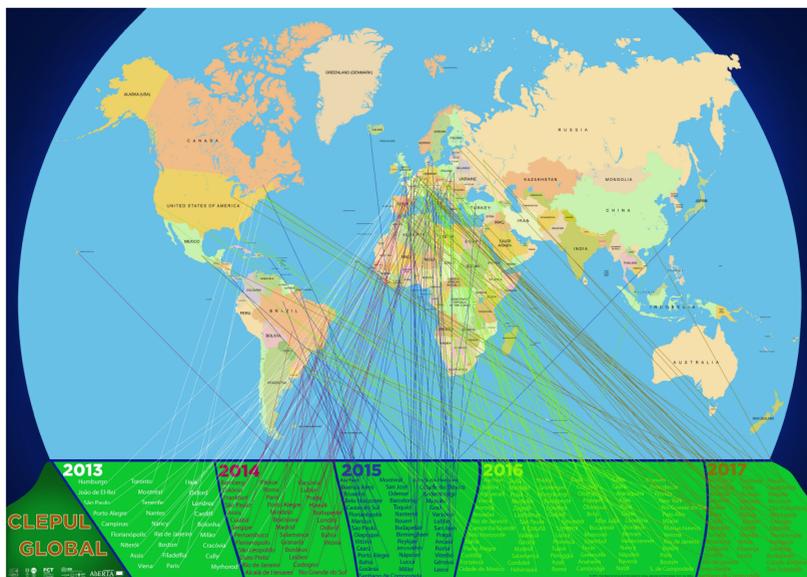
Por fim, concluamos, em jeito de exemplo e *case study*, com uma visita a um mapa de interacções de um centro de investigação, o CLEPUL, que trabalha as culturas e as literaturas *lusófonas* e europeias, predominantemente, em português⁶⁴:

⁶¹ Idem.

⁶² Apenas 13 ocorrências da palavra “Lusofonia” em 25/1/2020: cf. resultados da busca em <https://www.instituto-camoes.pt/component/finder/search?q=lusofonia&Itemid=1255>

⁶³ Apenas 15 ocorrências do adjectivo “lusófono” em 25/1/2020: [https://www.instituto-camoes.pt/component/finder/search?q=lus%C3%B3fono&Search=.](https://www.instituto-camoes.pt/component/finder/search?q=lus%C3%B3fono&Search=)

⁶⁴ <https://pt.calameo.com/read/00182797728c47d3d8c42>.



Depois disto, onde se alicerça o velho preconceito de que a língua portuguesa é pouco ‘internacional(izada)’, potencia menor visibilidade e impacto e deve ser substituída, no trabalho científico, pelo inglês? Na (quase) obrigatoriedade a que este nos tem forçado? Num fantasma de ‘antigo império’ às vezes evocado (e comum a outras línguas europeias, como o próprio inglês, o francês, o alemão, o holandês, etc.) e já tão ultrapassado pela realidade?

Por outro lado, se favorecermos o uso da língua portuguesa, além de um exercício de mais plena cidadania cultural, não corresponderemos bem melhor

1. ao defendido na *DECLARAÇÃO UNIVERSAL SOBRE A DIVERSIDADE CULTURAL* (2001)? Reiterando os considerandos iniciais da mesma:

Empenhada na plena realização dos direitos humanos e liberdades fundamentais proclamados na

Declaração Universal dos Direitos Humanos e em outros instrumentos jurídicos universalmente reconhecidos, como os dois Pactos Internacionais de 1966 relativos, respetivamente, aos direitos civis e políticos e aos direitos económicos, sociais e culturais,

Recordando que o Preâmbulo da Constituição da UNESCO afirma que “a difusão da cultura e a educação da humanidade para a justiça, a liberdade e a paz são indispensáveis à dignidade humana e constituem um dever sagrado que todas as nações devem cumprir com espírito de assistência mútua”, *Recordando* ainda o artigo 1.º da Constituição, que atribui à UNESCO, entre outras funções, a de “recomendar a celebração dos acordos internacionais que entender convenientes para promover a livre circulação de ideias, tanto pela palavra como pela imagem”

2. aos princípios defendidos pelas *Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias* (1992) e *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* (1996) e Carta Europeia do Plurilinguismo (2015)⁶⁵ e os direitos inerentes à cidadania europeia, com 23 línguas oficiais, além de outras promovendo a diversidade cultural, em vez de a diluirmos numa mesma língua que, sendo segunda, naturalmente restringe a capacidade expressiva do falante?

Regresso ao início: *Da minha língua vê-se o mar.* (Vergílio Ferreira).

Agora, quiçá: da língua portuguesa vêem-se galáxias...

⁶⁵ https://www.observatoireplurilinguisme.eu/images/Charte/Charteplurilinguisme_ptV2.13.pdf.



Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projecto «UID/ELT/00077/2019»

ANNABELA RITA Doutorada e com Agregação e dois pós-doutoramentos em Literatura, é professora e Directora de Licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Presidente / Academia Lusófona Luís de Camões-SHIP | Instituto Fernando Pessoa-SHIP | Assembleia Geral da CompaRes, Coordenadora / CLEPUL, Directora / Associação Portuguesa de Escritores | Observatório da Língua Portuguesa | Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Membro de instituições científicas e culturais nacionais (Grémio Literário, Sociedade de Geografia de Lisboa, etc.) e estrangeiras (CREPAL – Centre de Recherche sur les Pays Lusophones Centre de Recherche sur les Pays Lusophones/Sorbonne e outros), integrando diversos Conselhos Científicos de revistas e de projectos.

Distinções (15): Diploma de Mérito Cultural (2007) pela Academia Brasileira de Filologia e pela Faculdade CCAA (Rio de Janeiro); Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro (2010) pela Câmara Municipal de Oeiras; Medalha de Mérito Cultural do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (2012); Embaixadora da Meeting Industry e da Economia do Conhecimento e Membro do Clube de Embaixadores de Cascais e da Costa do Estoril (2013); Certificado de Mérito da World Communication Association (2015-17); Membro Honorário do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (2016); “Homenagem e agradecimento” (2017) no Colóquio Internacional Professor Manuel Sérgio; “Mérito Cultural” (2017) & Categoria “Autoridade Cultural” (2017) pelas Rede Mídia de Comunicação & Editora Sem Fronteiras; Distinção cultural e agradecimento (20º aniversário do Centro de Estudos Regianos, 2017); Membro Correspondente do Instituto Balear de la Historia (2017); Medalha das XIV Jornadas Histórico-Culturais / Junta de Freguesia do Lumiar (2017); “Reconocimiento a la Promoción de la Cultura Ibérica” (2018) da Universidad Libre de Infantes Santo Tomás de Villanueva; Prémio Pró-Autor 2019 da Sociedade Portuguesa de Autores pelo seu relevante trabalho “em prol dos Autores e da Cultura” (2019); Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras no âmbito das Comemorações dos seus 250 anos (2019); Recepção como Académica Honorária na Academia Portuguesa da História (2020).

Obras principais (19): *Eça de Queirós Cronista* (1998; 2017); *Labirinto Sensível* (2003-04); *No Fundo dos Espelhos* (2003-2007); *Emergências Estéticas* (2006); *Itinerário* (2009); *Cartografias Literárias* (2010; 2012); *Paisagem & Figuras* (2011); *Focais Literárias* (2012); *Luz e Sombras no Cânone Literário* (2014); *Do que não existe. Repensando o Cânone Literário* (2018); *Novas Breves & Longas no País das Maravilhas* (2018); *Última vontade régia incumprida* (2018); *No Fundo dos Espelhos. Em Visita* (2018); *Perfis & Molduras no Cânone Literário* (2018); Sfumato. *Figurações in hoc signo* (2019).

Obras coordenadas (20).

Mais recentes: *Do Ultimato à(s) República(s)* (2012), *Entre Molduras. A Metamorfose nas Artes, nas Letras e nas Ciências* (2016), *100/Orpheu* (2016); *Fabricar a Inovação. O Processo Criativo em questão nas Ciências, nas Artes e nas Letras* (2017); *Teixeira de Pascoaes* (2017, 3 vols); *Repensar o Feminino em Contexto Lusófono e Italiano | Ripensare il femminile in ambito lusofono e italiano* (2017, 2018, 2019); *Perigoso é...* (2018); *Literatura & Sociedade* (2018); *100 Futurismo* (2018); *Cervantes & Shakespeare: 400 Anos no Diálogo das Artes* (2019).

